

12 JUN 1988

Renovar sem sair

FOLHA DE SÃO PAULO
MIGUEL REALE JR.

PMDB

(D) (D) 23

O PMDB sofreu um processo de inchaço, com muitos políticos que foram fiéis ao autoritarismo, defensores da Revolução de 1964, ou malufistas, ou simplesmente governistas ingressando nos seus quadros, e disputando a eleição de 1986 por sua legenda.

Além desta invasão de convertidos, com profissões de fé, umas verdadeiras outras falsas, o certo é que o processo constituinte, por sua natureza, não propicia uma aliança consistente, pois o universo das questões é o mais amplo, envolvendo posições pessoais, que não podem estar atreladas à orientação partidária ou à da liderança.

O problema do mandato foi mais grave porque divergências e confrontos caracterizam a vida dos partidos, mormente PMDB e PFL, sem que desaguassem em dissidências formalizadas em saídas do partido, ou na formação de novos partidos.

Cabe recordar alguns episódios.

Instalada a Constituinte, houve por parte de Mário Covas e José Richa oposição a Ulysses Guimarães, criticado por acumular a Presidência da Câmara, da Constituinte e do PMDB. Fernando Henrique Cardoso não compartilhava desta visão, e prestou excelente colaboração à Constituinte, nomeado relator do regimento interno.

Na disputa pela liderança do partido na Constituinte, Mário Covas, aliado a José Richa, figurou como candidato em oposição a Ulysses Guimarães, contando com o beneplácito do Planalto.

José Richa, à época, veio a ser convidado para a chefia do Gabinete Civil. Fez bem em não aceitar, mesmo porque prestou valiosa ajuda aos trabalhos constituintes.

Na eleição para relator da constituinte, Pimenta da Veiga, antigo líder do PMDB, constava ter a preferência de Ulysses.

Concorreram também Fernando Henrique, sempre ligado a Ulysses, e Bernardo Cabral, este com o apoio de Mário Covas e José Richa.

No primeiro turno, com pequena diferença entre os três, foram mais votados Bernardo Cabral e Pimenta da Veiga.

Os adeptos de Fernando Henrique, no segundo turno, despejaram seus votos em Bernardo Cabral, derrotando-se Pimenta da Veiga. A indicação dos relatores das subcomissões e comissões temáticas, mostrou a tendência do líder Mário Covas pelos setores mais progressistas do PMDB.

Bernardo Cabral, sempre hábil, criou dois grupos de sub-relatores: o primeiro, com membros do PMDB, formado por Fernando Henrique, Nelson Jobim, José Ignácio Ferreira e Wilson Martins. Outro, com a participação de membros de outros partidos, destacando-se Konder Reis, Sandra Cavalcanti e Adolpho de Oliveira. Terminados os trabalhos das Comissões Temáticas, apresentado o texto consolidado, que constituía um todo só alinhavado, com partes justapostas sem unidade, começaram os esforços do relator e a surgirem grupos paralelos.

Cabe lembrar o grupo dos 32 e o centrinho.

Ampliou-se o número de participantes na elaboração do primeiro texto do relator a ser submetido à Comissão de Sistematização, tendo grande destaque, por sua autoridade moral e capacidade política neste labor, um homem que aprendi a respeitar profundamente: o senador Virgílio Távora.

O relator Bernardo Cabral, fiel à orientação básica proveniente das comissões temáticas apresentou, o quanto possível, texto já compreensivo deste universo maior da Constituinte, valendo-se dos trabalhos dos grupos paralelos, os projetos Ícaro, Hércules 1 e 2 etc.

Ulysses, sem levar em conta as divergências que ocorreram desde o início do processo, promoveu seguidas reuniões, com longos debates, com o relator geral e os relatores das comissões temáticas, presentes os líderes do PMDB. O presidente da Constituinte acompanhou, passo a passo, as discussões na elaboração do primeiro texto do relator, nas reuniões que se desenvolveram nas dependências do Banco do Brasil e no Instituto Israel Pinheiro.

O PMDB foi o único partido que, em meio ao processo constituinte, realizou, em fins de junho do ano passado, convenção para discutir temas da constituinte, e dentre eles o sistema de governo e o tempo de mandato. Em 18 de maio, Sarney havia declarado à nação que pretendia cinco anos.

A guerra interna no PMDB foi adiada, pois a convenção outorgou aos constituintes a liberdade de decisão sobre mandato e sistema de governo. Fernando Henrique foi o relator da Convenção. As divergências em questões de maior substância não quebraram o partido, da mesma forma como a disputa de poder na eleição do líder e do relator.

O surgimento do Centrão fez antever um conflito interno maior no PMDB. Não houve. A negociação instalou-se e 70%, pelo menos, do texto aprovado na sistematização, por acordo ou no voto, foi restaurado. As fusões proliferaram com inovações, muitas vezes trazendo termos inexistentes nos textos ou nas emendas, mas refletindo o consenso e o bom senso.

Pode-se concluir deste breve esboço histórico que os conflitos naturais de um processo constituinte, a impossível unidade em razão da multiplicidade de temas, o confronto de poder, a entrada de convertidos no partido, nada disto

provocou o racha do PMDB. O mesmo se diga do PFL.

A cisão efetiva só veio a ocorrer agora, na votação do mandato. E por quê? Por ser um desejo do presidente da República não fundamentado, com interferência de setores do governo de diversas formas, por meio dos mais variados processos, muitos inaceitáveis, e que feriram a soberania da Constituinte e seu amor próprio. Só nesta votação havia a presença de todos os constituintes. Por quê?

Passada a luta pelo tempo de mandato, com as sequelas e feridas deixadas, os partidos voltam-se para si próprios, sem que uma questão menor esteja a perturbar.

Valeria a pena o PMDB dividir-se, perder substância com a saída de próceres tão importantes, e que têm muito a fazer no partido, e por meio do partido muito a contribuir no processo político brasileiro?

É evidente não ser bom nem para eles nem para o PMDB.

É o tempo de esperar um pouco para que se saiba se há uma proposta justificadora da atendida pretensão dos cinco anos do presidente Sarney.

Daqui a algumas semanas cabe então assumir posições: afastamento do governo, novo PMDB, saída do partido, novo partido. Precipitar-se, neste instante, seria conceder ao presidente, desde já, de antemão, o privilégio de dividir para não governar.

Muitas vicissitudes foram vividas sem dissolução do PMDB. Não cabe transformar o efêmero, o mandato do presidente Sarney, em uma vicissitude maior, divisora de um grupo acostumado à divergência e à luta de ter sido oposição ao autoritarismo.

Cumprido reencontrar-se, renovar-se, depurar-se, mudar, mas sem sair.